

# Crianças num Mundo Midiatizado: Desafios Contemporâneos

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.189.14>

**Teresa Cristina Rego**

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1164-8094>

teresare@usp.br

## Resumo

As gerações mais jovens, nascidas na era das mídias e cultura digitais, apresentam novos modos de subjetivação, socialização, de relacionamento com o conhecimento, com a escola, com a comunicação e com o entretenimento e, conseqüentemente, trazem novos desafios e pautas de pesquisa. As crianças não somente têm tido acesso cada vez mais precoce às telas e à internet, como também têm consumido conteúdos midiáticos de modo intenso. Partindo do referencial teórico vigotskiano, que postula que as vivências infantis são decisivas para o desenvolvimento humano, é necessário estudar como se caracteriza esse consumo e interação, bem como quais são os impactos que eles podem ter no aprendizado, nas relações interpessoais e na saúde das crianças. Com o propósito de contribuir para o avanço da complexa temática, apresentamos, neste artigo, uma proposta metodológica para esse mesmo estudo, baseada numa investigação qualitativa, do tipo exploratória, que busca escutar as vozes das crianças e de seus responsáveis na avaliação das relações que os mais novos estabelecem com as telas e a cultura digital e midiática. Inclui entrevistas com um grupo diversificado de 20 crianças brasileiras entre os sete e os 12 anos e seus responsáveis. Procurou-se constituir uma amostra atravessada pelas variáveis de classe, gênero, raça e idade. Os resultados obtidos indicam, dentre outros aspectos, a fecundidade da metodologia adotada, já que trazem alguns elementos que possibilitam a compreensão não somente do que as crianças fazem com as mídias digitais, mas também o que as mídias fazem com elas. Eles indicam ainda que a maior parte dos adultos entrevistados desconhece o que as crianças fazem e consomem no ambiente digital. Finalmente, os resultados obtidos apontam também para um conjunto de desafios que devem ser enfrentados na contemporaneidade, sobretudo no campo da educação midiática.

## Palavras-chave

infância contemporânea, cultura digital, educação midiática, Vigotski

## Introdução

Reconhecendo o uso massivo das tecnologias virtuais (convergentes, móveis e interconectadas), a centralidade das mídias na vida das crianças contemporâneas, o precoce e crescente tempo de exposição às telas, se faz cada vez mais necessário identificar os traços que caracterizam as relações dialéticas que as crianças estabelecem com as mídias e a cultura digital.

Tomando como pressupostos os postulados da psicologia histórico-cultural (preconizados por Lev Semionovitch Vigotski) em diálogo com autores da sociologia da infância, da área da comunicação e da educação (preocupados, especialmente, com as interfaces entre mídia e educação), o objetivo da pesquisa aqui apresentada foi o de coligar a produção acadêmica recente (nacional e internacional) com o propósito de reunir elementos (hoje pulverizados) para o estudo das complexas relações que as crianças estabelecem com o universo midiático e digital. Dentre outros aspectos, interessa saber conhecer o que consomem, com que frequência e condições, com quem, como interagem com seus pares.

Além da investigação de caráter estritamente teórico, o projeto envolveu a realização de entrevistas com um grupo de crianças e seus responsáveis para conhecer suas opiniões e avaliações. O objetivo foi o de identificar pontos de convergência e de distanciamento entre as opiniões dos diferentes grupos e a literatura examinada. Neste artigo, apresentamos a proposta metodológica desenvolvida e a sua relevância, sintetizando ainda seus principais resultados preliminares.

## Novas Demandas e Desafios Para a Educação das Crianças na Contemporaneidade

O exponencial avanço das tecnologias digitais de comunicação e informação e o uso crescente da internet e das redes sociais vêm modificando a realidade social, econômica, cultural e política de todo o planeta. Tal cenário traz importantes desafios e inusitadas demandas, como a necessidade de formulação de políticas públicas que garantam, de um lado, o desenvolvimento de um sistema de regulação capaz de garantir os direitos da população infantojuvenil no ambiente digital e, por outro lado, a formação desse público para lidar com um contexto em constante mudança, aproveitando oportunidades e reduzindo os riscos de suas experiências digitais (Livingstone et al., 2018; Ponte, 2020a; Trucco & Palma, 2020).

Vem daí o interesse do expressivo número de pesquisadores nacionais e internacionais em compreender problemas relacionados às interfaces entre educação e mídia, em especial no que diz respeito à atuação da escola no âmbito da chamada “educação midiática” ou “literacia midiática”, aprendizado considerado fundamental para o pleno exercício da cidadania na contemporaneidade (Buckingham, 2003, 2010, 2019/2022; Livingstone, 2004, 2011; Ponte, 2020a).

Embora seja um conceito abrangente, plural e polissêmico, que vem sendo explorado por diversos autores a partir de diferentes abordagens, a literacia midiática pode ser definida como “a capacidade de acessar, analisar e avaliar o poder de imagens, sons e mensagens, assim como comunicar de forma crítica e criativa por meio das mídias disponíveis” (Silva et al., 2021, p. 24). Portanto, uma capacidade que vai muito além do mero uso das mídias e tecnologias na educação como ferramenta didática.

Como alerta Buckingham (2019/2022), no mundo contemporâneo não é suficiente saber usar as tecnologias, já que é preciso “um entendimento crítico profundo de como a mídia funciona, como comunica, como representa o mundo, e como é produzida e usada. Para o autor, entender a mídia hoje exige o reconhecimento da complexidade de formas modernas de ‘capitalismo digital’” (p. 19). Embora reconheça a importância da educação, o autor faz um valioso alerta:

a educação midiática não substitui a regulação da mídia (...). A educação por si só não será suficiente para solucionar os problemas que enfrentamos. Para promover mudanças e reformas mais amplas, nós, educadores, precisamos trabalhar com outros órgãos públicos e não governamentais. (Buckingham, 2019/2022, p. 126)

Ainda no que diz respeito à educação, é preciso reconhecer que as gerações mais jovens apresentam novos modos de subjetivação e de sociabilidade, bem como novas formas de se relacionar com o conhecimento, com a comunicação e com o entretenimento (Fantin, 2018; Pereira et al., 2015). Tal contexto traz importantes desafios para a prática educativa (no âmbito escolar e familiar) e impõe também novas pautas para a pesquisa (Almeida & Delicado, 2017). Dentre outras razões, porque o uso massivo das tecnologias virtuais é um fenômeno que não fez parte da infância da maioria dos pais e professores das crianças de hoje (Loureiro & Marchi, 2021).

Contudo, embora considerado um tema de grande relevância, o estudo das produções, dos usos e das apropriações dessa cultura audiovisual, digital e midiática tem se evidenciado como um fenômeno multifacetado, caracterizado por um campo teórico ainda não consolidado e por debates polarizados entre defensores – que, de modo otimista e apologético, se entusiasma com os benefícios – e críticos – que, de maneira cética e, de certo modo, “apocalíptica”, enaltecem os riscos associados e as consequências negativas que o ambiente digital pode trazer (Buckingham, 2003; Girardello, Fantin, & Pereira, 2021; Girardello, Hoffmann, & Sampaio, 2021; Loureiro & Marchi, 2021).

Além da superação dessa polarização, um outro desafio está relacionado à necessidade de analisar a presença de crianças e jovens em um mundo midiático numa

perspectiva crítica, dialética e abrangente, capaz de entender os sujeitos na sua complexidade e historicidade. Como avalia Sara Pereira (2021), os contextos de

acesso e usos dos *media* pelas crianças e jovens têm sofrido alterações significativas nas últimas décadas, por força das tecnologias e meios digitais, mas também devido às mudanças sociais e culturais que têm ocorrido nas sociedades e das quais os *media* são expressão e agente. (p. 15)

Para autora, para que seja possível entender como as malhas da socialização são tecidas é preciso “conhecer os modos como as crianças e os jovens usam e se relacionam com os *media*, como se apropriam deles e como lhes dão sentido no seio das suas práticas quotidianas” (Pereira, 2021, p. 15). Como pondera Fantin, há, portanto, uma impossibilidade de:

isolar as ferramentas, os dispositivos, os contextos dos sistemas de relações de que fazem parte. Nessa perspectiva, a cultura audiovisual, eletrônica, digital e algorítmica, são formas de expressão da cultura contemporânea e precisamos pensar as práticas culturais que se expressam nas múltiplas linguagens, nas mídias digitais e na diversidade bio-psico-social-cultural, como uma abertura aos contextos educativos na escola e fora dela. (Fantin & Mezzaroba, 2023, p. 5)

Enfim, no âmbito das pesquisas, além da nova agenda científica, os trabalhos que vêm sendo realizados no Brasil e em diversas partes do mundo sobre os impactos das mídias na era digital no universo infantil e juvenil apontam para a natureza complexa e multidisciplinar da temática<sup>1</sup>. Os estudos até hoje desenvolvidos indicam também os desdobramentos desse novo cenário no campo da educação:

o papel cada vez maior das mídias no cotidiano infantil, especialmente a partir da intensificação da presença dos *smartphones*, *videogames* e demais dispositivos eletrônicos móveis, impõe questões difíceis e delicadas para se pensar hoje a escola, o cotidiano e a sensibilidade das crianças. Torna-se ainda mais aguçada a necessidade de se investigarem a fundo as relações da infância com a imagem, considerando o poder simbólico das indústrias midiáticas e dos interesses comerciais que veem as crianças mais como consumidoras do que como cidadãs. (Girardello, Hoffmann, & Sampaio, 2021, p. 1)

Embora possam ser observados avanços significativos (em termos de volume, abordagens e metodologias empregadas), as pesquisas realizadas nas últimas décadas vêm suscitando importantes pistas sobre tópicos que ainda merecem ser aprofundados (García-Jiménez et al., 2020; Pereira et al., 2020; Ponte, 2020b). Um desafio que merece ser comentado e que, de certo modo, não tem tido a atenção merecida, sobretudo no campo da educação, é o que se relaciona à necessidade cada vez mais premente de investigarmos, com maior profundidade, a qualidade da dieta cultural e audiovisual (nos termos propostos por Corrêa, 2016; Del Río et al., 2004) que está

---

1 Os dossiês, números temáticos e outras publicações organizadas por pesquisadores de várias partes do mundo dão uma boa noção do que vem sendo produzido recentemente em variados campos (Borges & Silva, 2019; García-Jiménez et al., 2020; Pereira et al., 2020; Soengas-Pérez et al., 2024).

sendo oferecida e consumida pelas crianças neste universo midiático e digital, assim como seus impactos na construção do imaginário infantil. O estudo das complexas relações que as crianças estabelecem com o universo midiático e digital (tema da presente pesquisa) por sua vez, embora não seja novo, ainda merece ser aprofundado.

Investigar essas relações requer uma abordagem multidisciplinar que considere aspectos culturais, sociais, psicológicos e tecnológicos subjacentes. É essencial entender como as crianças utilizam e interpretam os conteúdos da cultura digital e midiática, como esses influenciam suas percepções e como contribuem para sua formação identitária. Além disso, compreender os mecanismos que regem a interação delas com o universo digital e midiático pode auxiliar na construção de estratégias educativas e de políticas públicas que promovam um uso saudável e consciente das mídias. Este aprofundamento também deve incluir discussões sobre os impactos do consumo midiático e digital na criatividade, na capacidade crítica e nas interações sociais das crianças, sempre levando em conta o dinamismo que caracteriza a contemporaneidade.

## Justificativas

É importante esclarecer que o termo “educação” é aqui entendido “num sentido amplo, que envolve aprendizado formal e informal, considerando o papel que pode ser desempenhado por vários agentes, não estritamente escolares, no processo educativo” (Pallares-Burke, 2023, p. 50). Isso implica considerar que a tarefa de educar crianças e jovens não é exclusivamente dos sistemas de ensino e das instituições escolares. E por essa razão, deve ser considerada, como recomendado pelo mais recente relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, “como um esforço público, um compromisso social compartilhado, um dos direitos humanos mais importantes e uma das responsabilidades principais mais importantes do Estados e dos cidadãos de um modo geral” (International Commission on the Futures of Education, 2022, p. 45).

Com base nas formulações da psicologia histórico-cultural preconizada pelo bielorrusso Lev Semionovitch Vigotski (1993, 1996, 2004/2018) e num conjunto de autores inspirados nessa matriz teórica (Del Río et al., 2022; Góes, 2000; Pino, 2005; Smolka et al., 2016), tenho realizado uma série de pesquisas sobre as relações existentes entre os processos psíquicos e as práticas culturais e educativas (Rego, 2020; Rego & Moraes, 2017). Nesses estudos, tenho buscado articular os postulados vigotskianos com as contribuições de autores clássicos e contemporâneos de diferentes áreas do conhecimento, tais como Martuccelli e Singly (2009), Melucci (2004) e Sibilia (2012, 2016). Tais estudos apontam para a necessidade de que seja dada especial atenção aos contextos de desenvolvimento e ao modo ativo de o sujeito interagir com seus pares e mediadores e, sobretudo, com os desafios dos cenários (social, político e econômico) em que se insere.

Vigotski se utiliza do termo “perejivanie” (que pode ser traduzido como “vivência”) para explicar como o meio influencia a pessoa e como a pessoa significa o meio a

partir de uma história de relações constitutiva de sua subjetividade. Como esclarecem Prestes e Tunes (2012), *perejivanie*, para ele, não diz respeito a uma particularidade do indivíduo, nem ao ambiente social em que ele se encontra, mas à relação entre os dois:

o ambiente não existe em absoluto; para compreender e estudar o desenvolvimento humano, é preciso conhecer o ambiente na sua relação com as especificidades de cada indivíduo. Não existe ambiente social sem o indivíduo que o perceba e o interprete. (Prestes & Tunes, 2012, p. 329)

Visto por este prisma, é possível afirmar que a subjetividade se constitui, portanto, na dimensão dramática, nas tensões e contradições próprias da condição humana, pela experiência vivida nas relações sociais, ao mesmo tempo em que imprime nessas experiências significados e sentidos próprios (Setton et al., 2023).

Seguindo essa orientação, nos anos mais recentes, venho procurando investigar, de modo mais aprofundado e com o apoio de autores da chamada “sociologia da infância” (como Corsaro, 2011; Qvortrup, 2002; Sarmento, 2005) e da comunicação (dentre eles: Buckingham, 2000/2007; Livingstone, 2011; Pereira, 2021; Ponte, 2020b), alguns temas que considero especialmente desafiadores para a educação das novas gerações na contemporaneidade, aqueles relacionados às mudanças ocorridas nos processos de comunicação, socialização, acesso à cultura e ao conhecimento, marcadas pela forte presença das mídias e da cultura audiovisual, especialmente a partir da intensificação do uso de grande mobilidade e interconexão como computadores, tablets, smartphones, videogames e outros ecrãs tácteis no cotidiano das crianças e jovens (conforme apontado por Girardello, Fantin, & Pereira, 2021; Girardello, Hoffmann & Sampaio, 2021). Buckingham (2019/2022) oferece uma boa explicação para o fenômeno – que tem sido chamado por alguns autores de “mediatização” ou “mediação”:

num mundo onde quase tudo é mediado, é difícil identificar onde a mídia começa e onde termina. (...) A mídia está se tornando cada vez mais profundamente embutida em nosso cotidiano – assim como os meios pelos quais as empresas de mídia podem recolher dados sobre nós. Está ficando cada vez mais difícil identificar um mundo *sem* mídia ou *fora* dela. Nesse contexto, pode fazer mais sentido falar da mediação como um processo, em vez da mídia como um substantivo singular. (p. 67)

Conforme mencionado anteriormente, essas transformações afetam diretamente as crianças, as instituições e, conseqüentemente, colocam em questão determinadas práticas educativas (realizadas no âmbito escolar, familiar e em outras agências), suas ofertas, dinâmicas e posturas pedagógicas.

Vem daí o interesse em identificar os traços que caracterizam as relações dialéticas que o público infantil estabelece com as telas, com a cultura digital e com o universo midiático, seus efeitos na constituição de suas subjetividades, bem como o tipo de dieta audiovisual consumida (Del Río et al., 2004). Partindo do referencial teórico vigotskiano, que postula que as vivências infantis são decisivas para o desenvolvimento humano, é necessário estudar quais são os impactos que elas podem ter no

aprendizado, nas relações interpessoais e na saúde das crianças, sobretudo, como se caracteriza esse consumo e interação.

## Metodologia Proposta

Do ponto de vista metodológico, além da investigação de caráter estritamente teórico, foi realizada uma investigação qualitativa, do tipo exploratória, que procurou escutar as vozes das crianças e de seus responsáveis na avaliação das relações que os mais novos estabelecem com as telas e com a cultura digital e midiática. Dentre outros aspectos, procurou-se conhecer o que consomem, com qual frequência e condições, com quem e como interagem com seus pares.

Essa linha de pesquisa persegue aquilo que muitos pesquisadores consideram necessário na atualidade: dar voz a crianças e adolescentes para compreender a relação ativa e protagonista que eles estabelecem com a cultura audiovisual, cada vez mais omnipresente em suas rotinas (Holzbach & Borges, 2023). Para isso foram realizadas entrevistas (a partir da utilização de roteiros semiestruturados) com um grupo diversificado de 20 crianças brasileiras (estudantes de uma escola pública das séries iniciais do ensino fundamental brasileiro) entre os sete e os 12 anos e seus responsáveis.

As crianças (participantes voluntárias) foram subdivididas em três subgrupos por idade (um que reuniu as de sete e oito anos, outro de nove e 10 e outro de 11 e 12) e as entrevistas conduzidas como uma espécie de “roda de conversa”. Os encontros ocorreram fora do horário das aulas, numa sala cedida pela direção escolar e duraram aproximadamente 50 minutos. No que se refere aos cuidados éticos na pesquisa, procurou-se fazer a apresentação dos objetivos da pesquisa às crianças com clareza, explicar a necessidade da autorização (deles e de seus responsáveis), e a garantia de que poderiam desistir de participar do estudo em qualquer momento. O assentimento das crianças participantes foi feito por meio de um registro escrito (termo de assentimento livre e consentido).

As entrevistas com os 18 adultos (um deles desistiu de participar antes de ser entrevistado e o outro porque não encontrou espaço na agenda) também ocorreram numa sala da escola em que seus filhos estudavam. As entrevistas individuais com os responsáveis tiveram a duração média de uma hora. Todos os encontros foram gravados em áudio. Os participantes adultos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Procurou-se constituir uma amostra atravessada pelas variáveis de classe, gênero, raça e idade. Por essa razão foram entrevistados sujeitos de diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, que vivem no estado de São Paulo, região brasileira que se destaca por sua grande diversidade e marcante desigualdade.

A análise do material coletado consistiu no exame do conteúdo de cada uma das entrevistas e da apreciação comparativa entre o conjunto das entrevistas. O objetivo

foi o de identificar pontos de convergência e de distanciamento entre as opiniões dos diferentes grupos e a literatura examinada.

## Resultados Preliminares e Notas Finais

Através da investigação, dentre outros aspectos, observamos a fecundidade da metodologia adotada, bem como a pertinência da exploração das teses e dos conceitos vigotskianos, já que eles possibilitam o estudo do caráter histórico e dialético do desenvolvimento infantil, sempre relacionado ao contexto sociocultural em que as crianças estão inseridas. Vale observar que, apesar da fecundidade desses construtos teóricos, é curioso notar que os trabalhos que buscam estabelecer relações entre a perspectiva histórico-cultural e o universo midiático, digital e tecnológico ainda são, especialmente no contexto brasileiro, significativamente escassos.

Do ponto de vista empírico, o estudo permitiu compreender aspectos envolvidos nas complexas relações que as crianças estabelecem com o universo midiático e digital. Dentre eles, conhecer o que consomem, com qual frequência e em quais condições, com quem e como interagem com seus pares. A partir de uma análise preliminar, podemos sintetizar os resultados nas conclusões de seguida apresentadas.

De modo geral, elas usam muito os celulares e somente as que têm mais recursos econômicos usam também computadores, ficam muito tempo conectadas e, na maior parte das vezes, sozinhas (mesmo quando estão entre amigos) e afirmam que, se pudessem, ficariam ainda mais tempo. Algumas dizem mesmo que adorariam ficar o dia todo. Muitas preferem ficar no celular a brincar. Gastam tempo considerável nas redes sociais, acompanhando *influencers* (mirins e adultos), esportistas e comediantes (cujo conteúdo destina-se ao público adulto); e assistem vídeos no TikTok, YouTube e Instagram. As que têm mais recursos assistem animação, série e outros programas (dirigidos ao público infantil e/ou adulto) em diversas plataformas de *streaming*; jogam videogames; ouvem música e se comunicam com os amigos. A maior parte avalia que seus pais não têm a menor ideia do que fazem quando estão conectadas e que é muito fácil burlar regras de controle (de uso e do tipo de conteúdo que acessam). Todas mencionam que nunca tiveram algum tipo de educação midiática na escola ou na família.

Além dos efeitos das desigualdades sociais, materiais e econômicas que caracterizam as diferentes práticas de consumo midiático, as condições de acesso digital e de crítica aos conteúdos audiovisuais consumidos, a pesquisa revelou uma distância considerável no modo como as crianças estudadas e seus responsáveis avaliam a relação que estabelecem com as múltiplas telas. O exame dos depoimentos permitiu identificar também algumas preocupações e inquietações de pais, mães e outros responsáveis que parecem não saber o que fazer diante da centralidade cada vez maior das telas na experiência das crianças. Os resultados indicam também que a maior parte dos entrevistados desconhece o que as crianças fazem e consomem no ambiente

digital. Finalmente, os resultados obtidos apontam também para quatro importantes demandas: a necessidade cada vez mais premente de uma educação midiática (que envolva não somente as crianças, mas também pais e professores), de ações que garantam o compromisso com a defesa dos direitos de mídia das crianças, e ainda da oferta de conteúdos audiovisuais de qualidade para esse público (Nery & Rego, 2020).

Os resultados trazem assim algumas pistas para a compreensão do que as mídias fazem com as crianças e o que elas fazem com as mídias (Buckingham, 2010, Livingstone, 2011). Corroboram os achados de uma série de investigações que vêm sendo realizadas no Brasil e no mundo, em especial no campo da comunicação, acerca dos riscos e potencialidades da presença das novas tecnologias e mídias na vida das crianças, pertencentes a uma geração que passou a ter nas múltiplas telas eletrônicas seu principal meio de acesso à educação, cultura, entretenimento e, sobretudo, interação social (Muller & Fantin, 2022). Pesquisas com este perfil podem contribuir para a superação das perspectivas dicotômicas que ainda marcam o debate nacional em torno do assunto, já que exploram a problemática por um prisma

ainda pouco usual na literatura brasileira, mas que tem sido o modo inovador como pesquisadores anglófonos têm abordado o tema, pois deslocam o olhar dos riscos (a criança em perigo ou perigosa) para aquilo que, efetivamente, as crianças fazem com as mídias. (Loureiro & Marchi, 2021, p. 2)

Finalmente, dada a relevância do papel da educação, em especial daquela desenvolvida no âmbito escolar, a pesquisa indica que é preciso se preocupar com a formação de professores (prévia e em serviço) para que ultrapassem uma visão “patologizante” dos problemas educacionais e, sobretudo, para que desenvolvam a desejada educação midiática. Nesse âmbito, um dos principais desafios está relacionado à necessidade de formar professores dispostos a analisar seus alunos numa perspectiva crítica, dialética e abrangente, capaz de entender os sujeitos na sua complexidade e historicidade e em particular os impactos (sociais, cognitivos e afetivos) de um mundo mediatizado.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo no. 2024-11976-3.

## Referências

Almeida, A. N., & Delicado, A. (2017). Crianças online: Metodologias visuais, novas descobertas e desafios éticos. In V. Ferreira (Ed.), *Pesquisar jovens: Caminhos e desafios metodológicos* (pp. 135-162). Imprensa de Ciências Sociais.

Borges, G., & Silva, M. B. (Eds.). (2019). *Competências midiáticas em cenários brasileiros: Interfaces entre comunicação educação e artes*. Editora da UFJF.

- Buckingham, D. (2003). *Media education: Literacy, learning and contemporary culture*. Polity Press.
- Buckingham, D. (2007). Crescer na era das mídias eletrônicas (G. Girardello & I. Orofino, Trad.). Loyola. (Trabalho original publicado em 2000)
- Buckingham, D. (2010). Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, 35(3), 37-58. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077>
- Buckingham, D. (2022). *Manifesto pela educação midiática* (J. I. Mendes, Trad.). Edições Sesc. (Trabalho original publicado em 2019)
- Corrêa, L. B. (2016). *Geração YouTube: Um mapeamento sobre o consumo e a produção infantil de vídeos para crianças de zero a 12 anos - Brasil 2015-2016*. ESPM Media Lab.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância* (L. G. R. Reis, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1997)
- Del Río, P., Álvarez, A., & Del Río, M. (2004). *Pigmalion: Informe sobre el impacto de la televisión en la infancia*. Fundación Infancia y Aprendizaje.
- Del Río, P., Braga, E. dos S., Rego, T. C., & Smolka, A. L. B. (2022). Entrevista com Pablo del Río - Desenvolvimento humano e desenho educativo: Alguns desafios da escola contemporânea. *Práxis Educativa*, 17, 1-24. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19944.015>
- Fantin, M. (2018). Crianças, dispositivos móveis e aprendizagens formais e informais. *ETD - Educação Temática Digital*, 20(1), 66-80. <https://doi.org/10.20396/etd.v20i1.8647545>
- Fantin, M., & Mezzaroba, C. (2023). ENTREVISTA - Monica Fantin, por Cristiano Mezzaroba: 17 de julho de 2023. *Cadernos do Aplicação*, 36, 1-9. <https://doi.org/10.22456/2595-4377.134154>
- García-Jiménez, A., Ponte, C., & Ortega-Mohedano, F. (Eds.). (2020). Niños, adolescentes y medios en la era de las pantallas inteligentes: Riesgos, amenazas y oportunidades [Edição temática]. *Comunicar*, XXVIII(64).
- Girardello, G., Fantin, M., & Pereira, R. (2021). Crianças e mídias: Três polêmicas e desafios contemporâneos. *Cadernos CEDES*, 41(113), 33-43. <https://doi.org/10.1590/CC231532>
- Girardello, G., Hoffmann, A., & Sampaio, I. V. (2021). Pesquisas com infância e mídias: Desafios atuais e inspirações. *Cadernos CEDES*, 41(113), 1-3. <https://doi.org/10.1590/CC231198>
- Góes, M. C. R. A. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, 20(50), 9-25. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622000000100002>
- Holzbach, A., & Borges, G. (2023). Crianças primeiro: Por uma mudança de eixo na relação das infâncias com a cultura audiovisual. *Revista Contracampo*, 42(2), 1-6. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v42i2.59629>
- International Commission on the Futures of Education. (2022). *Reimaginar nossos futuros juntos: Um novo contrato social para a educação*. Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>
- Livingstone, S. (2004). What is media literacy? *Intermedia*, 32(3), 18-20.
- Livingstone, S. (2011). Internet literacy: A negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. *Matrizes*, 4(2), 11-42. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p11-42>
- Livingstone, S., Mascheroni, G., & Staksrud, E. (2018). European research on children's Internet use: Assessing the past and anticipating the future. *New Media & Society*, 20(3), 1103-1122. <https://doi.org/10.1177/1461444816685930>
- Loureiro, C. C., & Marchi, R. de C. (2021). Crianças e mídias digitais: Um diálogo com pesquisadores. *Educação & Realidade*, 46(1), Artigo e98076. <https://doi.org/10.1590/2175-623698076>

- Martuccelli, D., & Singly, F. (2009). *Les sociologies de l'individu*. Armand Colin.
- Melucci, A. (2004). *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*. Unisinos.
- Muller J. C., & Fantin, M. (2022). Mediações familiares e escolares entre crianças e tecnologias digitais. *Pro-Posições*, 33, Artigo e20200085. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0085>
- Nery, P. G., & Rego, T. C. (2020). Culturas da infância: Os modos como as crianças assistem e interagem com as séries de animação. *Educação em Revista*, 36, Artigo e21978. <https://doi.org/10.1590/0102-469821978>
- Pallares-Burke, M. L. P. (2023). Uma época de crises – Uma perspectiva histórica. In C. Boto (Ed.), *Cultura digital e educação* (pp. 48-59). Contexto.
- Pereira, S. (2021). *Crianças, jovens e mídia na era digital: Consumidores e produtores?* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade; UMinho Editora.
- Pereira, S., Pinto, M., & Moura, P. (2015). *Níveis de literacia midiática: Estudo exploratório com jovens do 12º ano*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Pereira, S., Ponte, C., & Elias, N. (Eds.). (2020). *Crianças, jovens e mídia: Perspectivas atuais* [Volume temático]. *Comunicação e Sociedade*, 37. <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/issue/view/130>
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano*. Cortez Editora.
- Ponte, C. (2020a). Cidadania e escola no contexto digital. *Revista e-Curriculum*, 18(2), 501-522. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i2p501-522>
- Ponte, C. (Ed.). (2020b). *Nós na rede: Ambientes digitais e jovens*. Edições Almedina.
- Prestes, Z., & Tunes, E. (2012). A trajetória de Vigotski: Um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(3), 327-340. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300003>
- Qvortrup, J. (2002). Sociology of childhood: Conceptual liberation of children. In F. Mouritsen & J. Qvortrup (Eds.), *Childhood and children's culture* (pp. 39-48). Odense University Press.
- Rego, T. C. (2020). *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação* (25ª ed.). Editora Vozes.
- Rego, T. C., & Moraes, J. G. V. (2017). Individualização e processos de construção identitária na contemporaneidade: A perspectiva de François de Singly. *Educação e Pesquisa*, 43(2), 585-617. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022017430200201>
- Sarmento, M. J. (2005). Geração e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, 29(91), 361-378. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>
- Setton, M. G. J., Rego, T. C., & Pereira, W. de C. (2023). Lev Vigotski e Pierre Bourdieu: O poder da linguagem. *Comunicação & Educação*, 28(1), 7-25. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v28i1p7-25>
- Sibilia, P. (2012). *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão*. Contraponto.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Contraponto.
- Silva, M. B., Borges, G., Fantin, M., Pimenta, M. A., Gomez, I. A., & Aguaded, I. (2021). Competência midiática em crianças de 9 a 12 anos em cenários brasileiros. *Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 44(1), 21-45. <https://doi.org/10.1590/1809-5844202111>
- Smolka, A. L. B., Amorim, K. S., & Leite, D. A. S. (2016). *Questões do desenvolvimento humano na perspectiva cultural: Bebê, criança e adulto em foco*. Mercado de Letras.
- Soengas-Pérez, J., Paz-Alencar, A., & Rodríguez-Vázquez, A. I. (Eds.). (2024). Audiências empoderadas e hiper(des)conectadas: Actores, contextos, experiências e práticas educacionais [Edição temática]. *Comunicar*, XXXI(78). <https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=revista&numero=78>

Trucco, D., & Palma, A. (Eds.). (2020). *Infancia y adolescencia en la era digital: Un informe comparativo de los estudios de Kids Online del Brasil, Chile, Costa Rica y Uruguay*. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. <https://hdl.handle.net/11362/45212>

Vigotski, L. S. (1993). *Obras escogidas* (Tomo II). MEC; Visor.

Vigotski, L. S. (1996). *Teoria e método em psicologia* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2018). *Imaginação e criação na infância* (Z. Prestes & E. Tunes, Trans.). Expressão Popular. (Trabalho original publicado em 2004)